

PAULO E A SALVAÇÃO: O USO DE METÁFORAS NA TEOLOGIA DE PAULO

Magno Lessa do Espírito Santo⁶⁵

RESUMO

O presente artigo parte da seguinte questão: quais as metáforas de salvação em Paulo? Na literatura paulina, nota-se a presença de metáforas como “adoção”, “nova criatura”, “selo”, dentre outras. Elas são usadas para ilustrar o aspecto objetivo da salvação, tratando da relação do membro da comunidade com Deus e, portanto, são usadas exclusivamente no pensamento paulino para a obra redentora de Cristo. A ampla variedade de figuras de linguagem indica que nenhuma delas é suficiente sozinha. Logo, faz-se necessário analisar a interdependência delas, para que se compreenda a proposta paulina. Esta pesquisa é de natureza bibliográfica, considerando as contribuições de teóricos cujas obras são pertinentes ao foco deste estudo.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Paulina. Salvação. Figuras de Linguagem. Novo Testamento. Cartas.

ABSTRACT

This article starts from the question: what are the metaphors of salvation in Paul? In the Pauline literature, there are metaphors such as "adoption", "new

⁶⁵ Mestre em Ciências das Religiões pela Faculdade Unida de Vitória (FUV). Especialista em Teologia Bíblica do Novo Testamento Aplicada pela Faculdade Batista do Paraná (FABAPAR). Bacharel em Teologia pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM) e pelo Instituto Bíblico das Assembleias de Deus (IBAD). Licenciado em Filosofia pelo Instituto de Ciências Sociais e Humanas (ICSH). Docente do Centro Universitário São José de Itaperuna (UNIFSJ).

creature", "seal", among others. They are used to illustrate the objective aspect of salvation, dealing with the community member's relationship with God and are therefore used exclusively in Pauline thought for the redemptive work of Christ. The wide variety of figures of speech indicates that none of them are sufficient on their own. Therefore, it is necessary to analyze their interdependence, in order to understand the Pauline proposal. This research is bibliographic in nature, considering the contributions of theorists whose works are relevant to the focus of this study.

KEYWORDS: Pauline Literature. Salvation. Language Figures. New Testament. Letters.

INTRODUÇÃO

Com o objetivo de resolver os conflitos nas comunidades cristãs, dado que na sua gênese os novos convertidos precisavam de instrução, Paulo escreve suas cartas. Essa forma de escrever faz parte da teologização de Paulo, ou seja, escrever a partir de um problema com o desejo de saná-lo. Após sua experiência no caminho de Damasco, o apóstolo se tornou um grande defensor e “propagador do caminho” – modo como os cristãos foram chamados no primeiro século. Logo, Cristo e o sacrifício na cruz terão destaque no pensamento teológico de Paulo.

Para comunicar sua mensagem, o apóstolo faz uso de metáforas tiradas dos costumes legais, da vida cotidiana e da religião. Com isso, ele pretende ser bem sucedido no ensino, já que as imagens eram vivas para os membros das comunidades cristãs e cidadãos do primeiro século.

Assim, o presente trabalho parte da seguinte questão: quais as metáforas de salvação usadas por Paulo? Como o apóstolo usa várias imagens, e tratar todas aqui fugiria da objetividade deste trabalho, selecionaremos três: selo, nova criatura e adoção, deixando aberta a possibilidade de análise de outras metáforas em estudos posteriores.

Em um primeiro momento, faz-se necessário entender como se dá o uso de metáforas no texto bíblico, destacando a necessidade de um estudo sócio-histórico-cultural para a compreensão das imagens. Feito isso, analisaremos cada imagem, indicando o objetivo que o apóstolo pretendia ao usá-la. O selo, por exemplo, refere-se a uma impressão estampada em cera ou barro, indicando propriedade, autenticidade e a proteção daquele (ou daquilo) que o carrega. Ao usar a expressão “nova criatura”, Paulo pretende estabelecer um contraste com a velha criatura (o velho homem), isto é, a pessoa antes da salvação. Por fim, o termo “adoção”, por encontrar divergências entre os estudiosos sobre o pano de fundo em que foi utilizado, será apresentado sob as possibilidades: adoção como abstração teológica, metáfora legal, e como pano de fundo judaico/veterotestamentário.

1. METÁFORA NO TEXTO BÍBLICO

Segundo Fee, quando se observam as metáforas usadas por Paulo para ilustrar a salvação, entende-se que é possível que elas enfatizem o aspecto objetivo da salvação, pois tratam da posição ou relação do fiel com Deus e, por isso, são usadas com exclusividade para se referirem à obra redentora de Cristo, na qual o fiel deposita a sua confiança.⁶⁶

⁶⁶ FEE, Gordon D. Paulo, o Espírito e o povo de Deus. São Paulo: Vida Nova, 2015. p. 118-119.

Por metáfora, entende-se à luz da Hermenêutica Bíblica, uma comparação subentendida, mas que se faz direta em muitos casos, pois se espera que o leitor entenda a analogia sem precisar do conectivo “como” (diferente da símile, que estabelece comparação empregando conectivos formais do tipo “como”). Há no texto bíblico dois tipos de comparação: 1) A comparação plena ou completa: nomeia dois elementos e a semelhança entre eles (“sou tão forte quanto ele”, “eu sou forte e ele também”, “sou fraco, mas ele é forte”). 2) A comparação sucinta: deixa a semelhança subentendida para que o leitor a preencha, por exemplo: “vós sois o sal da terra” (Mt 5.13).⁶⁷

Segundo Osborne, a metáfora tem três partes: o tema, a imagem propriamente dita e o ponto de semelhança ou de comparação. É comum as três partes aparecerem na comparação, conforme se pode ver em Isaías 51.6: “os céus [tema] desaparecerão [ponto de comparação] como a fumaça [imagem]” ou em Mateus 10.6: “de preferência, procurai as ovelhas [imagem] perdidas [ponto de comparação] de Israel [tema]”. Cumpre destacar que, diferentemente das metáforas modernas, as figuras de linguagem no texto bíblico são mais específicas. Elas apresentam apenas um ponto de contato.⁶⁸

Quando o salmista nos diz que uma família unida é como óleo que escorre pela barba de Arão e desce pelas suas vestes, ele não está tentando nos convencer de que a unidade de uma família é algo sujo, gorduroso ou

⁶⁷ OSBORNE, Grant R. A Espiral Hermenêutica: uma nova abordagem à interpretação bíblica. São Paulo: Vida Nova, 2009.

⁶⁸ OSBORNE, 2009, p. 154.

*instável; ele está pensando na fragrância envolvente que se encontra tão viva em sua lembrança da unção do sumo sacerdote.*⁶⁹

Diante disso, para compreender as metáforas bíblicas, o estudante precisa ficar atento não só ao texto em si, mas também ao contexto sócio-histórico-cultural, já que o texto bíblico foi escrito em uma cultura diferente da ocidental. A partir dessa análise, então, a metáfora poderá ser interpretada de maneira correta.

2. SELO

A imagem do selo ocorre três vezes em Paulo. Vejamos: “... o qual marcou com um selo e pôs em nossos corações o penhor do Espírito” 2Co 1.21-22; “... fostes selados pelo Espírito da promessa, o Espírito Santo...” Ef 1.13; “E não entristeçais o Espírito Santo de Deus, pelo qual fostes selados para o dia da redenção” Ef. 4.30.

No sentido literal, a expressão se refere a uma impressão estampada em cera ou barro, indicando propriedade, autenticidade e a proteção daquele (ou daquilo) que o carrega. Em Paulo, o selo é uma metáfora do Espírito Santo, pelo qual Deus marca o crente como sua propriedade.⁷⁰

Kistemaker afirma que os selos denotam posse e autenticidade. Nos tempos antigos, os selos eram colocados em documentos legais para autenticá-los. Assim, por analogia, o apóstolo entende que Deus põe um selo

⁶⁹ CAIRD, 1980 apud OSBORNE, 2009, p. 155.

⁷⁰ FEE, 2015, p. 83.

em seu povo por dois motivos: a) para confirmar que o povo lhe pertence; b) para protegê-lo de dano.⁷¹

O penhor constituía a primeira prestação e garantia do que ainda seguiria.⁷² A palavra usada para penhor é *arrabon*; conforme Louw e Nide, ela aparece no Novo Testamento unicamente em sentido figurado, numa referência ao Espírito Santo como penhor ou garantia das bênçãos prometidas por Deus.⁷³ Nas palavras de Kistemaker: “Deus nos deu Espírito Santo como um depósito, uma primeira prestação, [...] a garantia de que, depois do depósito inicial, vem uma prestação subsequente”⁷⁴.

3. NOVA CRIATURA

Na perspectiva que Paulo tem da conversão cristã, um elemento importante é a participação do “Espírito de vida” (Rm 8.2,6), que “dá vida” aos que se voltam para Cristo (2Co 3.6). Para ele, a carne, o pecado e a observância da Torá estão crucificados (Gl 5.24), já nós, fomos ressuscitados com Cristo para viver “em novidade de vida” (Rm 7.6).⁷⁵

Em 2Co 5.17, Paulo usa a expressão “nova criatura” em contraste com as coisas antigas (velha criatura). De acordo com Ridderbos, Paulo descreve uma transformação radical, isto é, o passar de uma condição de morte e escravidão para a vida e a liberdade,

⁷¹ KISTEMAKER, Simon. II Coríntios. São Paulo: Cultura Cristã, 2004. p. 95.

⁷² DUNN, James D. G. A teologia do apóstolo Paulo. São Paulo: Paulus, 2003. p. 383.

⁷³ LOUW, Johannes. NIDE, Eugene. Léxico Grego-Português do Novo Testamento baseado em domínios semânticos. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013. p. 513.

⁷⁴ KISTEMAKER, 2004, p. 96.

⁷⁵ FEE, 2015, p. 126.

a qual, em função disso não deve ser explicada a partir do esforço humano e da força moral; mas, somente a partir do comando criador de Deus, não menos poderoso do que a palavra por meio da qual outrora ele fez com que houvesse luz na escuridão (2Co 4.6). Portanto, e nesses termos da criação que, fala-se repetidamente do novo homem (Gl 6.15; 2Co 5.17; Ef 2.10, 15; 3.9; 4.24; Cl 3.10; Tt 3.5). Isso não significa apenas que a Igreja, por meio de Cristo, veio a pertencer à nova era, a nova ordem das coisas e, nesse sentido, a nova criação, mas também que essa obra todo-poderosa e recriadora do Espírito entra na existência dos crentes de maneira pessoal e individual.⁷⁶

Assim, ele entende que a conversão cristã é obra do Espírito, em que a pessoa reconhece, crê e é “invadida” pelo Espírito que lhe concede vida. Além disso, ele também aplica a obra redentora da cruz quando opera uma transformação interior pela renovação da mente (Rm 12.2). Segundo Fee, “as metáforas de Paulo incluindo “antes” e “depois” falam igualmente da transformação radical da vida que o Espírito traz (morte/vida; velho homem/novo homem; trevas/ luz)”⁷⁷.

4. ADOÇÃO

Nas cartas paulinas, a palavra grega *huiiothesis* faz referência ou aos israelitas (Rm 9.4) ou aos fiéis (Gl 4,5; Rm 8.15.23; Ef 1,5) como filhos de

⁷⁶ RIDDERBOS, Herman. A teologia do apóstolo Paulo: a obra definitiva sobre o pensamento do apóstolo aos gentios. São Paulo: Cultura Cristã, 2004. p. 252.

⁷⁷ FEE, 2015, p. 124.

Deus. No entanto, cumpre ressaltar que não há concordância em como traduzir o termo: se como “adoção” ou como “filiação”. Assim, o termo *huiiothesia*, traduzido por adoção, é negado, às vezes, em favor da tradução “filiação”. No entanto, de acordo com Scott, não há muitos indícios lexicais para sustentar essa última tradução. Para ele, em Paulo, bem como nas fontes extra bíblicas contemporâneas, o termo sempre indica ou o processo ou o estado de ser adotado como filho.⁷⁸

Corroborando com essa proposta, o *Léxico Grego-Português do Novo Testamento* baseado em domínios semânticos, escrito por Louw e Nida, afirma que o termo transmite a ideia de “declarar de maneira formal e legal que alguém não é filho biológico, mas deve ser considerado e tratado como filho a partir daquele momento, no que se inclui o total direito à herança – adotar, adoção”⁷⁹. Logo, traduzir o termo como “filiação”, à luz do contexto em que Paulo usa a palavra *huiiothesia*, indicará uma tradução equivocada.

5. O PANO DE FUNDO DA ADOÇÃO EM PAULO

Nota-se certa concordância entre muitos estudiosos sobre a tradução do termo para “adoção”. No entanto, há divergência de opinião no que tange ao seu pano de fundo. Isso se dá por, possivelmente, Paulo ter sido o primeiro a empregá-lo em um contexto teológico, mas jamais ter explicado o que quis dizer com o termo.

5.1 A adoção como abstração teológica

⁷⁸ SCOTT, J. M. Adoção, Filiação. In: HAWTHORNE, Gerald F. MARTIN, Ralph P. REID, Daniel G. *Dicionário de Paulo e suas Cartas*. 2 ed. São Paulo: Paulus; São Paulo: Vida Nova; São Paulo: Loyola, 2008. p.31.

⁷⁹ LOUW; NIDA, 2013, p. 414.

Alguns biblistas entenderam que o conceito de adoção em Paulo se trata de uma abstração teológica vinculada a outro conceito paulino. Com isso, eles se livram do problema do pano de fundo. H. Hübner entende que adoção em Paulo é sinônima de “liberdade” (*eleutheria*) no sentido de liberdade da lei. R. Bultmann trata adoção como termo escatológico- forense paralelo à justiça (*dikaïosynē*). S. Kim concebe o termo como uma dedução secundária da cristologia da estrada de Damasco, em que o apóstolo percebeu o Senhor ressuscitado como imagem de Deus ou Filho de Deus.⁸⁰

5.2 A adoção em um pano de fundo greco-romano

Por Paulo ter vivido em um mundo greco-romano, estudiosos sugerem que é melhor considerar o conceito paulino de adoção a partir do contexto histórico, social e cultural greco- romano. Nesse aspecto, será apresentada a adoção divina na mitologia greco-romana e a prática real de adoção na jurisprudência romana.

5.3 A adoção divina na mitologia greco-romana

Nas fontes greco-romanas, adoção divina⁸¹ desempenha um papel muito pequeno. Fora das cartas de Paulo, o termo *huiothesia* não foi empregado para essas adoções no período em exame. Os poucos exemplos

⁸⁰ SCOTT, 2008, p. 31.

⁸¹ A noção grega de divindade contrasta nitidamente com os conceitos judaicos e cristãos. Para os gregos, os deuses não eram transcendentais e passivos, mas sim imanentes e ativos. Eles não criaram o cosmos, mas passaram a existir depois do cosmos. Consequentemente, deuses como o sol, a lua e os astros eram considerados “eternos”, enquanto deuses como Zeus, Hera e Poseidon eram considerados “imortais”. Embora os deuses gregos fossem considerados mais poderosos do que os homens, tanto uns como outros estavam sujeitos ao *moira* (“destino”). Além disso, os deuses eram sustentados por ambrosia e néctar, em geral inacessível aos mortais, e, em vez de sangue, “ícor” corria em suas veias. Embora considerados muito poderosos e muito sábios, eles não eram nem onipotentes nem oniscientes. Os seres humanos eram considerados mortais, enquanto os deuses gregos eram considerados imortais (AUNE, 2008, p. 1058).

que se tem nesse sentido não fornecem uma base para o conceito em Paulo. Além disso, Scott afirma que as religiões de mistérios têm sido, algumas vezes, sugeridas como possível panorama.⁸²

*Religião de mistério é o termo para uma variedade de cultos públicos e privados antigos que compartilhavam algumas características comuns. A palavra mistério baseia-se na palavra grega *mystēs*, que significa “iniciante”, da qual deriva a palavra *mystērion*, que significa “ritual de iniciação”⁸³, isto é, os ritos secretos que formavam o centro desses cultos. Em contraste com o caráter público da maioria dos cultos tradicionais das cidades-estados gregas, as religiões de mistério eram associações particulares nas quais, para ser iniciados, os indivíduos interessados eram submetidos a um ritual secreto (grifo do autor).⁸⁴*

As religiões de mistério não apareceram de repente no mundo mediterrâneo durante o período helenístico, mas sabe-se que a sua maior popularidade foi do século I ao século III d.C.

Muitos dos cultos de mistério grego receberam influência dos antigos cultos de mistério, isto é, os mistérios eleusinos, com o centro cultural em

⁸² SCOTT, 2008, p. 31.

⁸³ A seleção, necessária para a constituição de um círculo limitado de membros dos mistérios, ocorre pela iniciação. A iniciação como característica essencial de todo culto de mistérios pode ocorrer de uma só vez ou em diferentes estágios, indo do grau de consagração mais baixo ao mais alto. Os ritos nela empregados variam consideravelmente nos detalhes, assim como as condições de admissão e a estrutura da preparação (KLAUCK, 2011, p. 100-101).

⁸⁴ AUNE, D. E. Religiões Greco-Romanas. In: HAWTHORNE, Gerald F. MARTIN, Ralph P. REID, Daniel G. Dicionário de Paulo e suas Cartas. 2 ed. São Paulo: Paulus; São Paulo: Vida Nova; São Paulo: Loyola, 2008. p. 1064.

Elêusis na Ática.⁸⁵ Embora compreender as religiões de mistérios seja importante, visto que elas estão presentes no entorno do cristianismo primitivo e há quem defenda que tenha influenciado o pensamento de Paulo, não há razão suficiente para acreditar que o conceito de adoção em Paulo tenha como cenário as religiões de mistério, pois, de acordo com Scott, “não há indícios de adoção divina nos mistérios”⁸⁶.

5.4 Adoção como metáfora legal: Adoção e herança na lei romana

Na lei romana, adoção e herança estão umbilicalmente ligadas, pois a suposição inicial para a lei romana sobre a herança era a sucessão da família⁸⁷. A lei romana tinha por preocupação procurar um herdeiro que pudesse substituir o falecido, assumindo todos os direitos e obrigações do chefe da família (*pater familias*) morto. Diante disso, a adoção romana deve ser considerada em sua relação com o *pater familias*. O adotante deveria possuir potestas (poder), ele tinha de ser um chefe de família, um cidadão romano legalmente independente.

De acordo com os textos legais romanos, havia dois tipos de procedimentos de adoção, dependendo do papel do chefe da família. No código legal romano, os cidadãos livres eram divididos em legalmente

⁸⁵ AUNE, 2008, p. 1064.

⁸⁶ SCOTT, 2008, p. 31.

⁸⁷ A família romana não é o equivalente do conceito moderno de família. Três diferenças sobressaem mais claramente: primeiro, a família incluía não só parentes mas muitas vezes também escravos; segundo, a descendência e a condição de membro baseava-se na relação de sangue somente do lado paterno; e terceiro, e mais importante, o controle legal da família pertencia ao *pater familias*, e sua potestas não terminava senão com a sua morte. Os que estavam sob sua potestas não tinham propriedade própria e não podiam mover uma ação legal. Com outras palavras, os adultos, homens e mulheres, com suas próprias famílias, eram incapazes de possuir qualquer propriedade se tivessem um pai ou avô vivo. Assim, a morte do *pater familias* marcava o fim de uma espécie de escravidão (WALTERS, 2008, p. 37).

independentes e os sob o poder de um chefe de família. O primeiro tipo de procedimento era o *adrogatio*, usado somente para alguém que já era legalmente independente; o segundo, chamado de *adoptio*, era para alguém que estava ainda sob o poder de um chefe de família. O primeiro estágio do processo de *adrogatio* envolvia uma averiguação feita pelo colégio dos pontífices. Se os pontífices confirmassem a adoção proposta, a assembleia curial de Roma deveria dar sua aprovação por um voto formal. A *adoptio* consistia em dois passos básicos: primeiro, o adotante era libertado da potestas (poder) do pai natural; depois, o pai adotivo recebia potestas sobre o(a) filho(a) adotado(a) por declaração do magistrado.⁸⁸

Segundo Walters, para um romano, o filho adotivo tinha a mesma condição de um filho biológico. Citando a observação de Gaio, ele diz: “Os filhos adotivos na sua família adotiva estão na mesma posição legal que os verdadeiros filhos”. Cabe ressaltar que havia restrições sobre quem podia ou não adotar. As mulheres, por exemplo, não podiam adotar, pois não possuíam potestas sobre pessoas livres. Homens que não tinham capacidade para procriar (*spadones*) podiam adotar. Havia exceções, mas, em geral, o adotante era mais velho que o adotado. Além disso, não havia idade mínima para adotar alguém *in potestate*.⁸⁹

Nesse sentido, para Barclay, devemos entender a adoção a partir do conceito de *pátrio potestas*, isto é, o poder absoluto do pai sobre a família. Na adoção romana, a pessoa adotada passava de um *pátrio potestas* para outro. Há quatro características principais: 1) a pessoa adotada perdia todos

⁸⁸ WALTERS, James C. Paulo, a adoção e a herança. In: SAMPLEY, J. Paul (org.). Paulo no mundo greco-romano: um compêndio. São Paulo: Paulus, 2008. p. 38.

⁸⁹ WALTERS, 2008, p. 39.

os direitos em sua antiga família e recebia todos os direitos de um filho legítimo na nova família; 2) o filho adotado tornava-se herdeiro de todos os bens de seu novo pai, mesmo que depois nascesse outro filho que possuísse relação sanguínea; 3) a antiga vida do adotado ficava cancelada, todas as suas dívidas eram canceladas. Era considerada uma nova pessoa que entrou em uma nova vida; 4) aos olhos da lei, a pessoa adotada era literalmente filha de seu novo pai.⁹⁰

5.5 Adoção em um pano de fundo Judaico/Veterotestamentário

O termo *huiothesia* ocorre no N.T. somente em Paulo e não parece na Septuaginta ou em fontes judaicas. Entretanto, segundo Scott, apesar das alegações contrárias, o conceito de adoção era conhecido do Antigo Testamento e do judaísmo, sem a necessidade de em algum momento ter sido praticada. Para ele, o contexto mais primitivo do termo (Gl 4.5) fornece a indicação de que o termo tem um pano de fundo judaico/veterotestamentário.⁹¹

Tendo em vista que, para esse autor, quando Gálatas 4.1-2 é entendido corretamente, não como uma ilustração da lei greco-romana, mas como alusão ao A.T., fica mais claro que Gálatas 4.5 está colocado em um contexto estruturado pela tipologia do Êxodo. Assim como Israel, herdeiro da promessa feita a Abraão, foi redimido da escravidão no Egito na ocasião em

⁹⁰ BARCLAY, William. Romanos. Buenos Aires: La Aurora, 1973. p. 120-121.

⁹¹ SCOTT, 2008, p. 32.

que determinou o Pai (Gl 4.1-2; Os 11.1; Gn 15.13), de igual modo os fiéis foram redimidos da escravidão dos “elementos do mundo”⁹².⁹³

Ademais, Scott interpreta o emprego do termo *huiiothesia* da mesma maneira em Romanos 8, visto que “o contexto de *huiiothesia* em Romanos 8 contém elementos da tipologia do Êxodo, e a filiação adotiva divina subentende o direito de ser coerdeiro de Cristo na promessa abraâmica” (Rm 8.17). No entanto, ele destaca que, ao contrário de Gálatas 4.5, Romanos 8 desenvolve o argumento de que a participação por adoção no Filho de Deus messiânico tem o alcance não só para o presente, mas também para o futuro (Rm 8.23).⁹⁴

Entretanto, Walters discorda de Scott, posto que, segundo ele, a separação que Scott faz do significado helenístico em relação ao pano de fundo judaico é problemática, uma vez que mesmo que o apóstolo Paulo procurasse evocar as expectativas judaicas, ele não podia se distanciar do mundo greco-romano.⁹⁵ Portanto, em defesa do contexto greco-romano para o uso de Paulo de “adoção”, vejamos o que diz F. F. Bruce:

O termo “adoção” pode soar com certo artificialismo aos nossos ouvidos. Mas no primeiro século d.C. um filho adotivo era um filho escolhido deliberadamente por seu pai adotivo para perpetuar seu nome e herdar seus bens.

⁹² O significado de “elementos do mundo” é amplamente debatido entre os estudiosos, visto que não há consenso sobre o assunto. No entanto, podemos destacar três propostas apresentadas: 1) princípios básicos de ensinamentos religiosos como a lei; 2) matérias essenciais e rudimentares do Universo como terra, água, ar e fogo; ou 3) seres espirituais pessoais do cosmos, como demônios, anjos ou divindades estelares (REID, 2008, p. 448).

⁹³ SCOTT, 2008, p. 32

⁹⁴ SCOTT, 2008, p. 33.

⁹⁵ WALTERS, 2008, p. 26.

*Sua condição não era nem um pouco inferior à de um filho segundo as leis comuns da natureza, e bem podia desfrutar da afeição paterna o mais completamente e reproduzir o mais dignamente a personalidade do pai.*⁹⁶

Diante disso, há razões para afirmarmos que o conceito de adoção em Paulo foi tirado do cenário greco-romano, mais precisamente a adoção romana. Assim, quando o apóstolo evoca a ideia de que os que estão em Cristo foram adotados e se tornaram filhos de Deus, isso indica que o fiel tem o privilégio da herança; assim como Cristo é o herdeiro, o fiel é o coerdeiro, e a participação no sofrimento de Cristo garante ao fiel participar da glória futura (Rm 8. 15-17).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As metáforas usadas por Paulo visavam a comunicar o aspecto objetivo da salvação, tratando da relação do membro da comunidade com Deus e, portanto, foram usadas exclusivamente no pensamento paulino para a obra redentora de Cristo. A interpretação delas se dá à luz do contexto sócio-histórico-cultural da época e desprezar isso, como supracitado, pode produzir conclusões infundadas e inapropriadas.

Assim, nota-se que o apóstolo faz uso do selo como metáfora do Espírito Santo, pelo qual Deus marca o crente como sua propriedade, evocando a imagem dos documentos selados no primeiro século, indicando a legitimidade dele. O uso da expressão “nova criatura” visa ao

⁹⁶ BRUCE, F. F. Romanos - Introdução e Comentário. São Paulo: Vida Nova, 2001. p. 135.

estabelecimento do contraste, isto é, a diferença entre a velha criatura, morta em seus deleites e pecados, e a nova criatura a partir da obra de Cristo. Descreve uma transformação radical, ou seja, o passar de uma condição de morte e escravidão para a vida e a liberdade.

Por fim, foi apresentada a metáfora da adoção, bem como a dificuldade de se estabelecer o contexto no qual Paulo se baseou. Como o apóstolo era um homem de três sociedades – Judaica, Romana e Grega –, determinar o contexto não é tarefa fácil e, por isso, vimos não haver consenso geral entre os estudiosos. No entanto, diante dos possíveis contextos apresentados, há razões para crer que Paulo evoca a ideia de metáfora legal, a adoção a partir do código legal romano.

No mais, a teologia paulina se mostra um grande desafio para o pesquisador. Porém, lançar-se a compreendê-la constitui-se tarefa de suma importância no que se refere a entender o Novo Testamento e a obra de Cristo. Ademais, como dito anteriormente, o presente trabalho selecionou apenas três metáforas dentre outras tão importantes quanto as que foram selecionadas. Diante disso, fica aberta a possibilidade de investigar as outras em trabalhos futuros e poder contribuir ainda mais com o estudo da teologia paulina.

REFERÊNCIAS

AUNE, D. E. Religiões Greco-Romanas. In: HAWTHORNE, Gerald F. MARTIN, Ralph P. REID, Daniel G. Dicionário de Paulo e suas Cartas. 2 ed. São Paulo: Paulus; São Paulo: Vida Nova; São Paulo: Loyola, 2008.

BARCLAY, William. Romanos. Buenos Aires: La Aurora, 1973. BÍBLIA. Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

BRUCE, F. F. Romanos - Introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 2001. DUNN, James D. G. A teologia do apóstolo Paulo. São Paulo: Paulus, 2003.

FEE, Gordon D. Paulo, o Espírito e o povo de Deus. São Paulo: Vida Nova, 2015.

LOUW, Johannes. NIDE, Eugene. Léxico Grego-Português do Novo Testamento baseado em domínios semânticos. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013.

KISTEMAKER, Simon. II Coríntios. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.

OSBORNE, Grant R. A Espiral Hermenêutica: uma nova abordagem à interpretação bíblica. São Paulo: Vida Nova, 2009.

REID, D. G. Elementos/ Espíritos elementares do mundo. In: HAWTHORNE, Gerald F. MARTIN, Ralph P. REID, Daniel G. Dicionário de Paulo e suas Cartas. 2 ed. São Paulo: Paulus; São Paulo: Vida Nova; São Paulo: Loyola, 2008.

RIDDERBOS, Herman. A teologia do apóstolo Paulo: a obra definitiva sobre o pensamento do apóstolo aos gentios. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.

SCOTT, J. M. Adoção, Filiação. In: HAWTHORNE, Gerald F. MARTIN, Ralph P. REID, Daniel G. Dicionário de Paulo e suas Cartas. 2 ed. São Paulo: Paulus; São Paulo: Vida Nova; São Paulo: Loyola, 2008.

WALTERS, James C. Paulo, a adoção e a herança. In: SAMPLEY, J. Paul (org.). Paulo no mundo greco-romano: um compêndio. São Paulo: Paulus, 2008.